

FRAGMENTOS DE
UMA
CONFINADA

Relatos sobre a quarentena em Cascavel

FLÁVIA ANJOS

Aluna: Flávia Nascimento dos Anjos
Orientador: Ricardo Joge de Lucena Lucas
Diagramação: Flávia Anjos

Anjos, Flávia

Fragmentos de uma confinada: Relatos sobre a pandemia em Cascavel/ Flávia Anjos. - Cascavel-CE, 2020.

1. Pandemia. 2. Diário. 3. Reflexões. 4. Jornalismo

FRAGMENTOS DE UMA CONFINADA

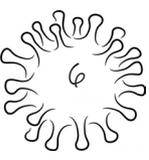
Relatos sobre a quarentena em Cascavel

FLÁVIA ANJOS

SUMÁRIO

Introdução	O princípio	Dia 01 Antes de tudo	Dia 02 De repente	Dia 03 Ainda em 2019	Dia 04 Por aqui:
Dia 05 Em cada canto	Dia 06 Bem perto	Dia 07 Ainda mais intenso	Dia 08 O dia em que tudo parou	Dia 09 Pura sorte	Dia 10 Um pouco mais daqui
Dia 11 $\frac{1}{4}$	Dia 12 Sobrevivendo a uma nova etapa	Dia 13 Uma conversa	Dia 14 Opiniões	Dia 15 Entendendo os espaços	Dia 16 Sonhos adiados
Dia 17 Presença	Dia 18 Saudades	Dia 19 Saúde Mental	Dia 20 Mecanizado	Dia 21 Os 100 mil casos	Dia 22 Esperança
Dia 23 Movimentos	Dia 24 Culpa	Dia 25 Novo acessório	Dia 26 Atua Arca de Noé	Dia 27 Crônica da cidade	Dia 28 A feira
Dia 29 Os feirantes	Dia 30 Cansaço	Dia 31 Artesãos	Dia 32 As praias	Dia 33 As barracas	Dia 34 Outros na linha de frente
Dia 35 Medo iminente	Dia 36 As cem mil mortes no Brasil	Dia 37 Sem palavras	Dia 38 Momento delicado	Dia 39 O luto	Dia 40 Desafios
Dia 41 Voltando ao normal	Dia 42 O amanhã				

A todos que se foram e a para aqueles
que sobreviveram
esse ano de números pares.



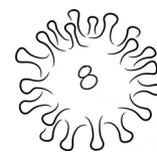
Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar a Deus, meu pai, meu confidente e o melhor amigo de todas as horas, foi Ele quem ouviu todas as minhas confissões em primeira mão. A Ele quem me conhece desde quando estava informe no ventre de minha mãe.

Agradeço a Deus, por me dar o privilégio de usar as palavras como forma de expressão, de vida e de liberdade. Como diz em Romanos 11, 36, “porque dEle, por meio dEle e para Ele são todas as coisas”, e como também diz em Colossenses 1, 17, “Ele é antes de todas as coisas, e nEle tudo subsiste”. Ao Eterno Deus, toda a minha gratidão pela oportunidade de viver e esse momento.

Aos meus pais que sempre acreditaram em mim, muito mais do que eu mesma. Minha eterna gratidão por todo o amor incondicional destinado a mim, mas também por todos os esforços e compreensão ao longo de toda a minha jornada. A eles que para mim, são sinônimo de força e superação. Vocês me impulsionam e me ensinam a seguir meus sonhos, superar os próprios medos e acreditar em Deus com fé e perseverança.

A minha querida irmã mais nova, que deixou essa jornada mais leve, com seu jeito risonho e sereno de ser.



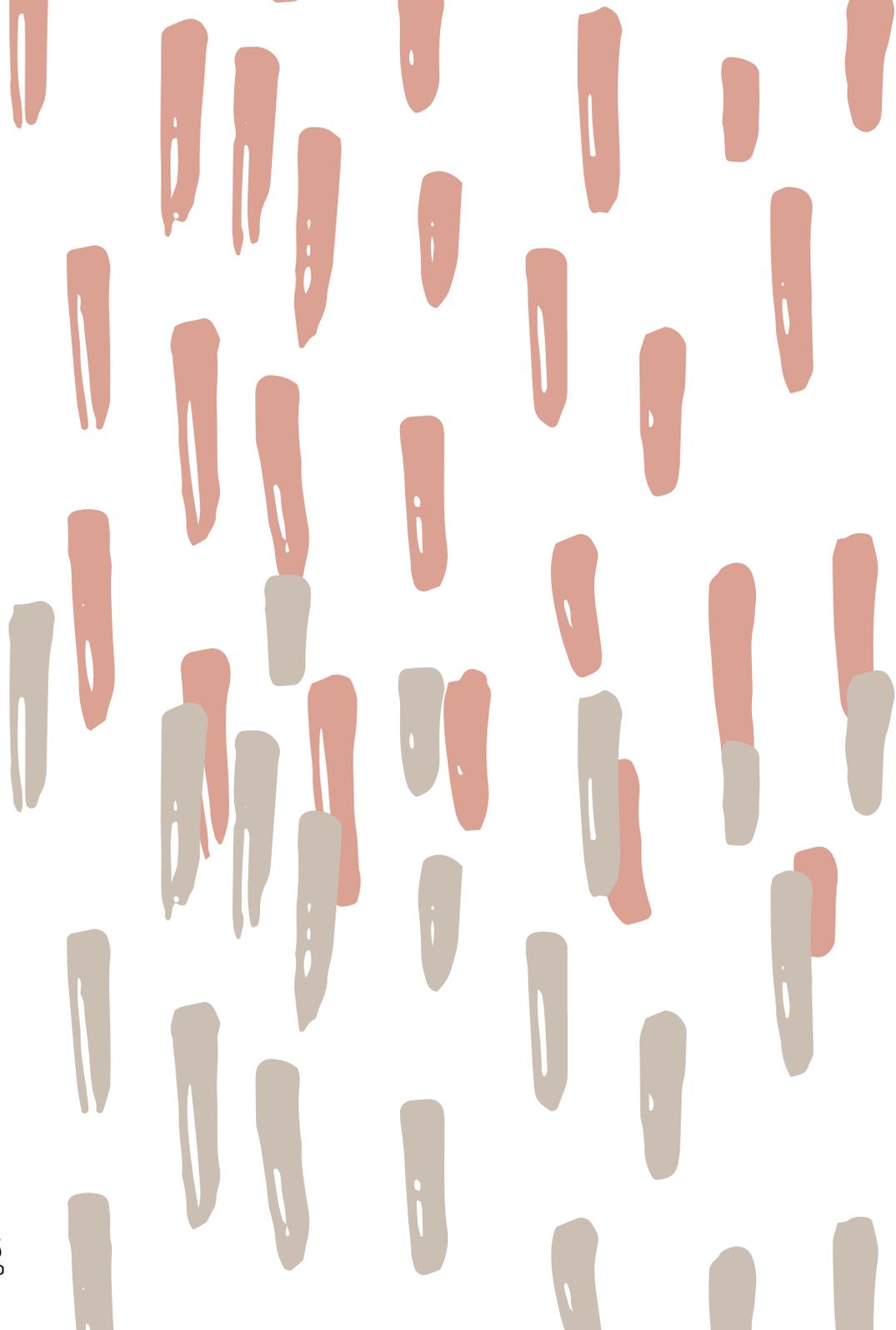
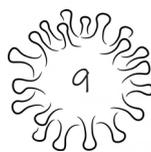
Meus esforços também são por você, para te ver crescendo de forma íntegra e sempre muito feliz.

Ao meu namorado, pela paciência, carinho e suporte desde o terceiro semestre da graduação. Obrigada por enfrentar diversos momentos comigo e por todas as opiniões construtivas na vida e em especial, neste trabalho. Aos meus amigos que tanto oraram e sentiram as minhas emoções ao longo dessa jornada.

Gratidão ao meu orientador que desde o início da graduação, conduziu as disciplinas de uma forma leve e serena. Obrigada por ter me dito em algum dia pela tarde, no primeiro andar do prédio, do Centro de Humanidades II, que “as coisas dariam certo”, eu nunca esquecerei este momento, pois elas deram certo.

Agradeço ainda a todos os cascavelenses que conversaram comigo, que me deram a oportunidade de ouvir suas histórias e emoções, neste momento tão delicado que enfrentamos em 2020. Obrigada a minha cidade que sempre foi um berço de tantas emoções, inspirações e subjetividades para mim.

Agradeço a mim mesma por realizar este sonho e superar todos os desafios que vieram durante a graduação. Hoje, torno realidade aquilo que um dia foi apenas o sonho de uma criança de quatro anos.



Prefácio

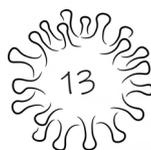
Conservar o caminho ou mudar de rota? O ano de 2020 talvez tenha feito esta pergunta a quase todos. Por causa da pandemia do novo coronavírus, os deslocamentos sociais foram significativamente reduzidos e a necessidade de “ficar em casa” surgiu como um imperativo em comum e trouxe consigo diversas mudanças repentinas. Relacionamentos virtuais, trabalho remoto, educação à distância, privação do contato com as pessoas amadas, a saudade constante do que está fora e uma maior proximidade com o que está dentro. A própria noção de tempo e o espaço foram potencializados pelo distanciamento social. Como esta experiência impactou nossa forma de ver o mundo? É o que questiona a jornalista Flávia Anjos ao olhar para o seu primeiro mundo — isto é, a sua cidade natal.

As consequências da pandemia e das medidas adotadas para controlar a proliferação do vírus deixam marcas profundas não só na rotina, mas também em tantas tramas de afeto. Pelo itinerário do seu confinamento, a autora de “Fragmentos de uma confinada” percorre essas mudanças e apresenta ao leitores diversos relatos de jovens, adultos, homens e mulheres que precisaram se refazer exterior e

interiormente diante do inesperado: o luto, o desemprego, a doença, o medo. Narrativas de pessoas que precisaram refazer suas rotas e procurar outros afagos mesmo na ausência da proximidade física.

Totalmente concebido e redigido durante os dias de isolamento, este livro-reportagem em formato de diário também é atravessado pelas diversas sensações provocadas pelo cenário pandêmico. O registro progressivo e sensível de cada dia, desde que as primeiras notícias do vírus chegaram aos boletins jornalísticos, permite ao leitor acompanhar os desdobramentos de uma escolha difícil e constante entre refazer o caminho ou permanecer inerte. Enquanto a então desconhecida e ameaçadora doença se prolongava pelas semanas e pelos meses, esta obra já começava a ser delineada, mesmo que as letras ainda não tivessem alcançado o papel.

Ao apresentar informações sobre o avanço da contaminação no Ceará ao lado histórias que retratam aflição, dúvidas, esperança e alívio, a autora produz um breve registro jornalístico, mas também histórico e afetivo acerca dos primeiros quarenta dias da pandemia de Coronavírus em Cascavel, no Ceará. É também pela perspectiva da autora que o leitor será conduzido pela cidade da feira de São Bento, da Igreja de Nossa Senhora do Ó, dos pés de caju bem maduros, do belo litoral e também do desenvolvimento econômico. Em toda a sua extensão, a bicentenária Cascavel continua a multiplicar seu repertório de imagens



e deixar marcas em tantos de seus habitantes que, em meio ao isolamento, precisaram dar novos significados à sua relação com a própria cidade.

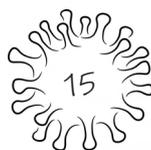
As janelas e portas abertas para a rua ou para o quintal de casa podem ser pequenas ou grandes, mas se tornaram um lugar por onde entra a luz que traz alguma esperança em tempos de pandemia e distanciamento. Também a partir desse ponto de vista, Flávia opta por revisitar a Cascavel a partir de um sereno e necessário percurso de volta ao seu “ninho”. Um retorno às conversas nas praças, ao saudoso burburinho da feira, à calma das ruas, às conversas da sua vizinhança e, por fim, à sua própria casa. Um gesto de voltar à cidade marcado pela saudade de quando ela ainda era um espaço a ser tocado, explorado sem medo. A necessidade de estar muito mais presente em sua cidade natal confrontou a escritora diante de inúmeras narrativas e sensações acerca de suas raízes — o que muito naturalmente se deixa revelar por entre as páginas da obra.

Ao observar Cascavel a partir da perspectiva do confinamento, a escritora se coloca diante de tantos questionamentos — os seus e o de tantos outros habitantes que, de algum modo, olham para as suas origens e procuram respostas para as suas inquietações sobre o futuro. Como diria Ítalo Calvino em *As Cidades Invisíveis*, “de uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá às nossas perguntas.” E mesmo diante das tantas questões presentes (face



à incerteza do partir ou da angústia de simplesmente ficar) a cidade Cascavel que a autora retrata nesta obra conserva os olhos fixos na amplitude de um tempo que se espraia bem à sua frente: um tempo novo e ainda desconhecido, feito de caminhos que se insinuam e outros percursos que esperam ser traçados. Por mais quarenta dias, ou quantos dias ainda seja possível contar.

Ivig Freitas
Jornalista



Introdução

Se me falassem que eu viveria toda essa catástrofe em 2020, eu com certeza perguntaria se as pessoas estavam me contando algum spoiler de um filme apocalíptico. Mas infelizmente, tudo que fosse narrado em relação a 2020, não seria apenas cenas de um filme.

Acho que a realidade- às vezes, se parece um pouco com a ficção: coisas estranhas acontecem o tempo inteiro e você vive reviravoltas intensas em poucos instantes, tudo muito intensamente. Talvez nada que eu tenha escrito nestas confissões fragmentadas e desfragmentadas da realidade faça muito sentido. Um vírus estranho, chega e modifica tudo, a vida das pessoas, o cotidiano, os acessórios, a forma de enxergar o amanhã... as mudanças instauradas foram tão repentinas, que a habilidade de se adaptar a esse novo período ainda me é complicada.

Até as palavras para esse momento não são tão precisas, é difícil descrever 2020-ou falar sobre este período. Eu gosto das palavras porque para mim, elas simbolizam poder, vida e se preciso, um escape. A escrita, sempre foi sinônimo de alívio, brincadeira e representações para mim. Na infância, esboçava meus sentimentos em poucas palavras com cartinhas para os meus pais. Na adolescência,



a escrita era meu espaço de desabafo e agora na juventude, vejo nelas meu espaço de liberdade, de poder, de terapia, sobrevivência, trabalho e de resiliência.

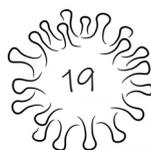
Poder narrar neste breve espaço- ainda que com limitações, é um grande privilégio. Este material é uma forma de registro para salvaguardar as memórias, as vivências, as palavras e o cotidiano de uma das realidades mais brutais que eu já presenciei ao longo dos meus 22 anos.

Eu não sei quais sequelas tudo isso vai deixar, não dá para mensurar tudo que ainda pode acontecer pela frente. De qualquer modo, aqui estão registros de um passado ainda bem presente. De vários dias em que, nem mesmo as palavras, com toda sua força e maestria são capazes de narrar, de descrever, ou de contar o que sentimos.

Com distanciamento e poucos cumprimentos para evitar contato- porque essas são as normas de 2020. Vamos juntos nessa. Acho que você que está lendo isso hoje, também passou por essa fase. Mas caso não tenha tido a grata sorte de não vivenciar esse ano, aqui eu conto um breve relato de como foi atravessar uma pandemia em uma cidade pequena e que tem nome de cobra.

O ano é 2020, ano de números pares- 0 e 2, de despedidas e de umaterrível pandemia. Estes são fragmentos de memórias, que estão eternizados aqui através das palavras.

Flávia Anyas





O princípio

...sempre fui apegada a histórias e a incerteza sempre foi uma grande amiga para mim, logo não sei como dizer como tudo isso começou, não sei o que dizer antes de falar tudo aquilo que tenho pra dizer. Confuso, mas é isso mesmo que este ano tem sido.

Essa ideia- a ideia deste trabalho, poderia ter vindo em muitas circunstâncias, pode ter surgido em um dos inúmeros dias desses últimos quatro anos de faculdade, entre idas e vindas de Cascavel para Fortaleza todos os dias. Ou, poderia ter surgido na aula de Planejamento Gráfico- no terceiro semestre, ou ainda, em um momento mais recente, na disciplina de Técnicas de Investigação Jornalística, no ano passado (2019). De fato, eu não sei a resposta.

Queria trabalhar com as memórias- essa era a única certeza que tinha em mim. Poder ter algum produto, para o qual eu olhasse depois de muitos anos e representasse algo do meu lugar ou (porque não dizer?) de mim mesma. Já que eu me sinto e sou tão enraizada aqui em Cascavel.

Na Universidade aprendemos que o Jornalismo passa pelo campo da objetividade, mas como defender isso? Se até as palavras que eu escolho ou não colocar naquilo que eu escrevo, representam também uma escolha

subjetiva? E nisso tudo, de alguma forma vai um pouco de mim, pela minha escolha. Tem certas coisas que não dá para se responder com um *lead* jornalístico, essa é uma verdade que eu tenho descoberto....

Por morar um pouco longe, sempre tive afeto e raízes em Cascavel, um local que possui diversos potenciais, inúmeras narrativas e sensações que são únicas para mim. Meu intuito inicial com o final do curso de Jornalismo, era representar um pouco desse meu lado interiorano e mostrar que não é só os grandes centros urbanos que contam boas histórias. O intuito inicial era realmente essegurar as memórias e as histórias que desde a infância eu sempre escutei, na escola, em casa e nas ruas.

No começo, era isso. Migrei um pouco mais, para delimitar o meu objeto e fui parar em uma das minhas comunidades mais queridas da cidade, Moita Redonda. A história dos artesãos, o contato com a terra, o moldar das peças atravessadas pelas histórias de vida, tudo isso sempre foi algo que fazia o meu coração saltar e era com esse projeto que eu queria conseguir a titulação de jornalista pela Universidade Federal do Ceará, um outro local que desde os 14 anos foi um sonho pra mim.

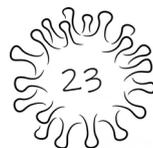
Tudo isso estava certo demais pra mim, até que a pandemia chegou e tudo mudou. Ela não levou só vidas, que não é pouca coisa, mas eu também vi meus projetos e sonhos se desmanchando, se desfazendo conforme as situações iam sendo relatadas nos noticiários. Como disse no

começo, a incerteza sempre foi uma grande companheira pra mim, só que dessa vez ela veio com um golpe muito baixo.

Familiarizada ou não com as incertezas, a verdade é que tudo teria que mudar e de fato, tudo mudou. No entanto, essas alterações não foram só nas pautas do meu TCC. Vi tudo ao meu redor ganhar novos rumos, novas narrativas, novos fins e surgia uma realidade que eu jamais tinha experimentado em toda minha vida.

Essa sempre vai ser uma memória que eu vou guardar e quem sabe contar para futuros filhos e netos, jamais vou esquecer desse período em que a vida e a morte andaram alinhadas à força de um vírus. Esse vai ser um breve registro, histórico, emocional, jornalístico e também apenas um desabafo sobre a minha percepção e a de outros sobre esse momento de 2020. Fragmentos e memórias da pandemia em Cascavel-CE.

Com máscara e álcool em gel, eu vou nessa.





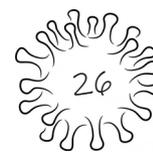
Dia 01

Antes de tudo...

A pandemia começou em 2020, mas a doença já existia desde 2019. Este é o primeiro dia de relatos- mas não de quarentena, esse registro que este faço hoje, também marca o começo de um ciclo muito importante em minha vida. Mas, diante de tudo que tenho vivido, começar é estranho- já que está tudo “parando”. Parar e deixar tudo pra lá até parece o certo- mesmo que não seja.

Da janela da cozinha, eu sempre vejo os detalhes das árvores, que dia e noite permanecem ali e por ali ficam sempre. Vendo-as hoje, parei e refleti: “elas não se movem por si, a não ser que o vento venha e movimente suas folhas e seus galhos”. Me parece um pouco similar com o que vem acontecendo no mundo, a grande parte de todos nós, independente de raça, cor, credo, altura ou titularidade, todos nós, estamos um pouco inertes- claro, os que não tem a opção de ficar em casa, não estão inertes ou os que simplesmente não levam às medidas de isolamento social a sério. A comparação com a árvore é para dizer que nós estamos plantados no terreno de nossas casas e o vento que nos colocou para dentro- foi uma das doenças mais assustadoras que eu vivenciei nos meus 22 anos.

Medo, incerteza, angústia, preocupação, dor e sen-



tença, são algumas duras palavras que definem este momento. Mas como em tudo há uma oposição, também encontrei reinvenções, soluções, redescobertas e descobertas nesse caminho de “só ficar em casa”.

Acho que será algo interessante escrever aqui ou deixar registrado, tudo aquilo que tem perpassado em mim durante a sentença de ficar em casa, durante essa quarentena. A princípio, não podemos mais abraçar e nem simplesmente olhar no olho das pessoas. Hoje, meu contato com as pessoas se limita apenas ao tamanho da tela do meu smartphone.

Este ano (2020) é sem dúvidas um ano ao qual muita gente já deseja o fim. Sinceramente, só desejo que o ano passe conforme desejar, já que ele nos ensinou que o hoje é tudo que temos. E nessas circunstâncias apressar, ou não o tempo, não muda nada.

Acho que esse deve ser o meu começo, um pouco confuso-talvez incerto, mas combina muito com a pessoa que escreve estas palavras e também com o período vivido. Acho que por hoje, esse é o meu desabafo e o início!

Esse é um começo, talvez.



De repente...

Acho que o mais interessante seja começar fazendo uma cronologia, mesmo que a minha percepção de passado, presente e futuro se entrelaçam como areia quando se junta à água- uma mistura difícil de separar. No entanto, olhar para trás e falar sobre a pandemia deve ser a maneira mais correta de contar uma parte dessa história.

Se a ordem temporal não fizer tanto sentido, entenda que isso são fragmentos de um período, de um tempo e nada além disso. Uma pequena parte de um todo, um todo tão grande que abrange quase todo o globo- alguns países ficaram ilesos. Mas a verdade é que a doença chegou até uma cidade do interior do Ceará- só assim dá para se ter uma noção da magnitude que foi esse momento.

Independente da magnitude e grandeza disso tudo, sinto que preciso deixar isso registrado nesse espaço. Pois este é o momento, o aqui e o agora. Talvez amanhã tudo mude, mas até hoje, isso ainda não aconteceu. Às vezes sinto que foi do nada, outras vezes, parece que tudo já estava predestinado a acontecer.

Ao meu ver, este deveria ser O ANO, bem assim mesmo, em caixa alta. Formatura à vista, uma nova fase da vida ousando florir, só Deus mesmo saberia o que o futuro



reservava. Até março tudo estava fluindo nesta sintonia, de uma certeza regada pelas incertezas.

Apesar dos medos, eu tento encher o peito de tranquilidade e continuar- vivendo conforme meu lema de vida, “um dia de cada vez”. Assim foi, até os primeiros burburinhos chegarem, até os primeiros sinais da doença chegarem mais perto de nós. E junto da doença, veio o medo, veio a dúvida, veio a própria insegurança do espaço físico que nos cercava.

Se eu fosse descrever, eu diria que surgiu uma doença estranha, nova, diferente e até certo ponto, imbatível. A doença era titulada por “coronavírus”-mal sabia eu que este nome estaria presente, incansavelmente nas pautas do meu estágio e agora do meu TCC. A princípio queria muito continuar meu trabalho do terceiro semestre da graduação sobre artesanato, essa era a minha vontade.

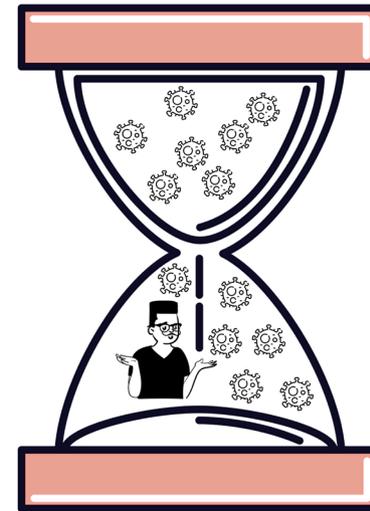
Sempre foi um prazer muito grande ir até Moita Redonda e falar sobre aquela arte ancestral que eles reproduzem através das peças de barro, isso também era uma forma de enaltecer as minhas raízes, já que este assunto também perpassa minha terra natal.

Mas- nem tudo acontece como a gente sonha, nem tudo pode ser do nosso jeito. Com a doença, que ainda virou uma pandemia, todo esse projeto se tornou inviável, inalcançável. Todavia, bem como pensa o senso comum “acredito que há males que vêm para o bem”. E, em partes, é por conta dessas imprevisibilidades que eu

escrevo, aqui e agora. Isso pode ser um bem.

Faço história com o presente, através de registros, diálogos e conversas sobre este momento tão ímpar e singular que tem acontecido em 2020. Escrever tem sido um espaço de refúgio tanto para amenizar as pressões da mente, como tranquilizar o coração de que amanhã poderá ser um dia melhor e de que tudo irá passar.

Trago neste espaço, as nossas palavras, nossas porque não são só as minhas, é bom ouvir os outros. Afinal, todo mundo tem um pouco de igualdade nas diferenças e a maior igualdade é que todos estamos sujeitos à mesma doença, não há ninguém privilegiado o suficiente que não possa vir a tê-la, falo no sentido biológico. A doença não faz muito critério de escolha, como o preconceito faz.

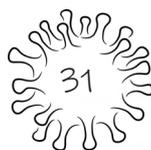
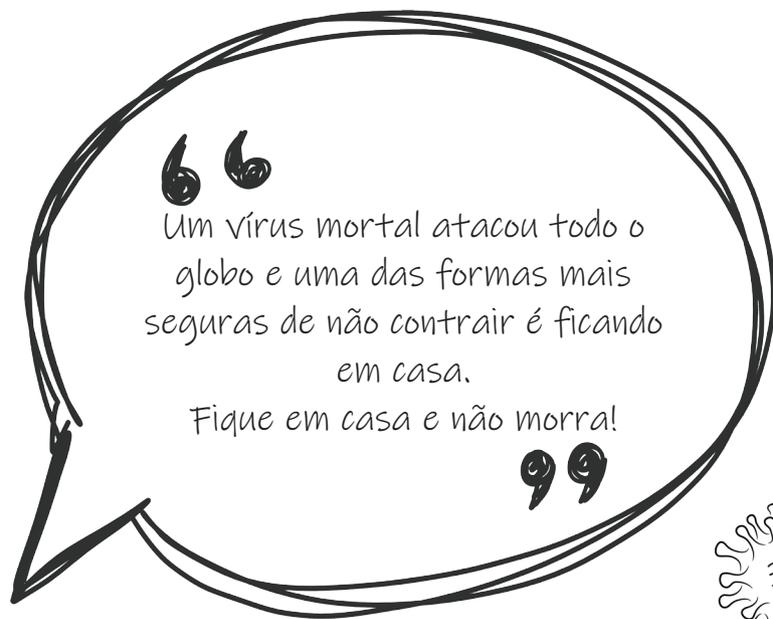




Ainda em dezembro

Minha mãe sempre me disse que “as coisas nunca acontecem do nada”, sempre tem algum motivo que as antecede. Seguindo seus conselhos, irei voltar um pouco no tempo pra entender de onde isso veio.

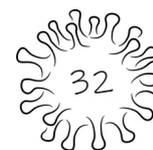
O *boom* dessa doença, disso tudo que estamos vivendo aconteceu em 2020, mas na verdade seu começo foi em 2019, já no finalzinho do ano. Creio que pensar em uma cronologia seja o melhor jeito de se registrar ou até mesmo de se entender toda essa tragédia que estamos vivendo. De forma direta, eu diria algo quase similar a um *trailer* de filme zumbi:



Mas penso que falar assim parece simplório demais e exagerado também. Tudo se originou lá do outro lado do mundo, mais especificamente Wuhan, capital de Hubei na China. As pessoas começaram a ter uma espécie de “pneumonia misteriosa”, isso era o que sabíamos através da mídia. De dezembro de 2019 a janeiro de 2020, as autoridades chinesas omitiram informações sobre a doença, como o número de casos. Mas nesse meio tempo, as autoridades chinesas mudaram de posicionamento e emitiram um alerta à Organização Mundial de Saúde (OMS) e as pessoas infectadas começaram a ficar isoladas. Claro que houve muitas idas e vindas nessa quase novela mexicana da vida real, mas sintetizando foi isso.

Eu lembro que a chegada de 2020 foi muito esperada, meus amigos estavam muito ansiosos e com altas expectativas para esse ano. Honestamente, não sei definir bem as minhas emoções- eu via 2020 como um ano muito decisivo e conclusivo, já que era o ano em que eu me formaria. Acredito que cada pessoa tem sua perspectiva particular, mas essa era a minha.

Ainda nos sete primeiros dias do ano, foi descoberto que a doença poderia ter sido proveniente de um mercado de frutos do mar em Wuhan, que fica no centro da China e tinha uma população de 11 milhões de pessoas. Apesar de tão pouco tempo, a doença também já estava apresentando suspeitas em outros lugares, como: Pequim (norte), Xangai (leste) e Shenzhen (sul). Pouco tempo de-



pois, no dia 7 de janeiro, foi diagnosticado que a enfermidade que assolava a China era uma espécie de coronavírus. Por não saber do que se tratava, resolvi pesquisar.

Segundo a Organização Mundial de Saúde, os coronavírus são a segunda principal causa de resfriado comum (após rinovírus) e, até as últimas décadas, raramente causavam doenças mais graves em humanos do que o resfriado comum. Fiquei assustada ao descobrir que essa não era a primeira vez que um vírus dessa magnitude atingia a humanidade. Ao todo, sete coronavírus humanos (HCoVs) já foram identificados:

- 1.HCoV-229E
- 2.HCoV-OC43
- 3.HCoV-NL63
- 4.HCoV-HKU1
- 5.SARS-COV

(que causa síndrome respiratória aguda grave)

- 6.MERS-COV

(que causa síndrome respiratória do Oriente Médio)

- 7.SARS-CoV-2

(novo coronavírus)

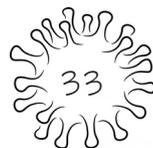
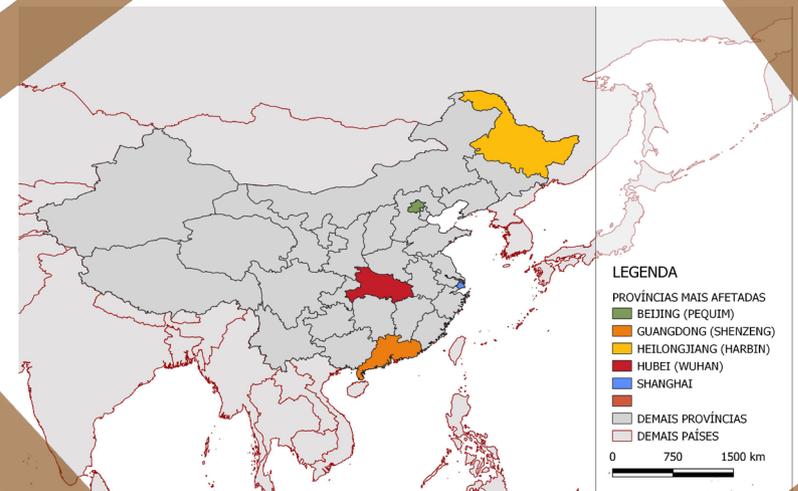
O último é responsável por causar a doença COVID-19. Mal sabia eu que essa doença traria uma das palavras mais pronunciadas do ano: “Coronavírus”. O pri-

meiro choque em relação à doença aconteceu ainda na primeira quinzena do mês de janeiro, quando um homem chinês de 61 anos, que apresentava dificuldades respiratórias e pneumonia grave chegou a óbito.

Até aquele período, a gente não fazia ideia da grande proporção que o coronavírus iria tomar em todo o mundo. Acho que mesmo depois de alguns meses, a gente ainda não faz ideia do quanto essa doença pode nos afetar.

situação na China :/

Isso era bem no começo



Por aqui...



Nunca tive a sensação de perseguição, graças a Deus. Mas essa doença parece algo que nos persegue de forma rápida e invisível, o que é pior ainda. Ainda em janeiro que toda essa realidade tão distante se aproximou um pouco mais. No dia 28 de janeiro, me deparei com histórias nos jornais que haviam três casos suspeitos no País e que os brasileiros deveriam evitar viagens para China- ao meu ver, o conselho de não ir para China era até compreensível. Ainda no mesmo mês, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou que o coronavírus era um caso de emergência nacional, o que já mostrava sinais que a doença não estava brincando e era preciso ter mais atenção. Até então, esse pode ser considerado um resumo de janeiro.

Com a chegada de fevereiro, as coisas infelizmente se agravaram mais. No dia 5, o Brasil iniciou uma missão para trazer os 34 brasileiros que moravam em Wuhan na China para o País. No dia 9, os repatriados chegaram à base aérea de Anápolis, em Goiás e ficaram de quarentena por 18 dias. Na primeira quinzena tudo parecia estar tranquilo, mas no invisível as coisas aconteciam- como a proliferação do vírus. No dia 26 de fevereiro, o primeiro caso confirmado foi divulgado no País- se tratava de um

homem de 61 anos que havia viajado para a Itália.

CIÊNCIA E SAÚDE



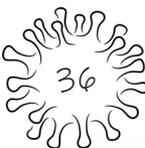
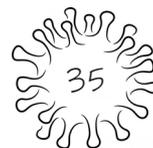
Ministério da Saúde confirma primeiro caso de coronavírus no Brasil

Homem de 61 anos, que mora em São Paulo, fez viagem para a Itália entre 9 e 21 de fevereiro. Dois testes deram positivo para infecção. Família está em observação.

Por Elida Oliveira e Brenda Ortiz, G1 e G1 DF
26/02/2020 11h32 - Atualizado há 7 meses



Aqui vale a ressalva de que a Itália passou por um período bem complicado, chegando a superar a China em número de casos, tudo isso porque no começo as autoridades não levaram a situação tão a sério. Isso trouxe consequências irreparáveis- o número de mortes lá superou a China, que foi o epicentro da doença.



Acho que quando se fala de saúde, de vida, todos os cuidados são precisos. Infelizmente, nessa pandemia podemos observar que muitos governos não levaram a doença a sério, inclusive no Brasil. Já que o atual governante de autoridade máxima, falou durante um pronunciamento que o coronavírus era uma “gripezinha”.

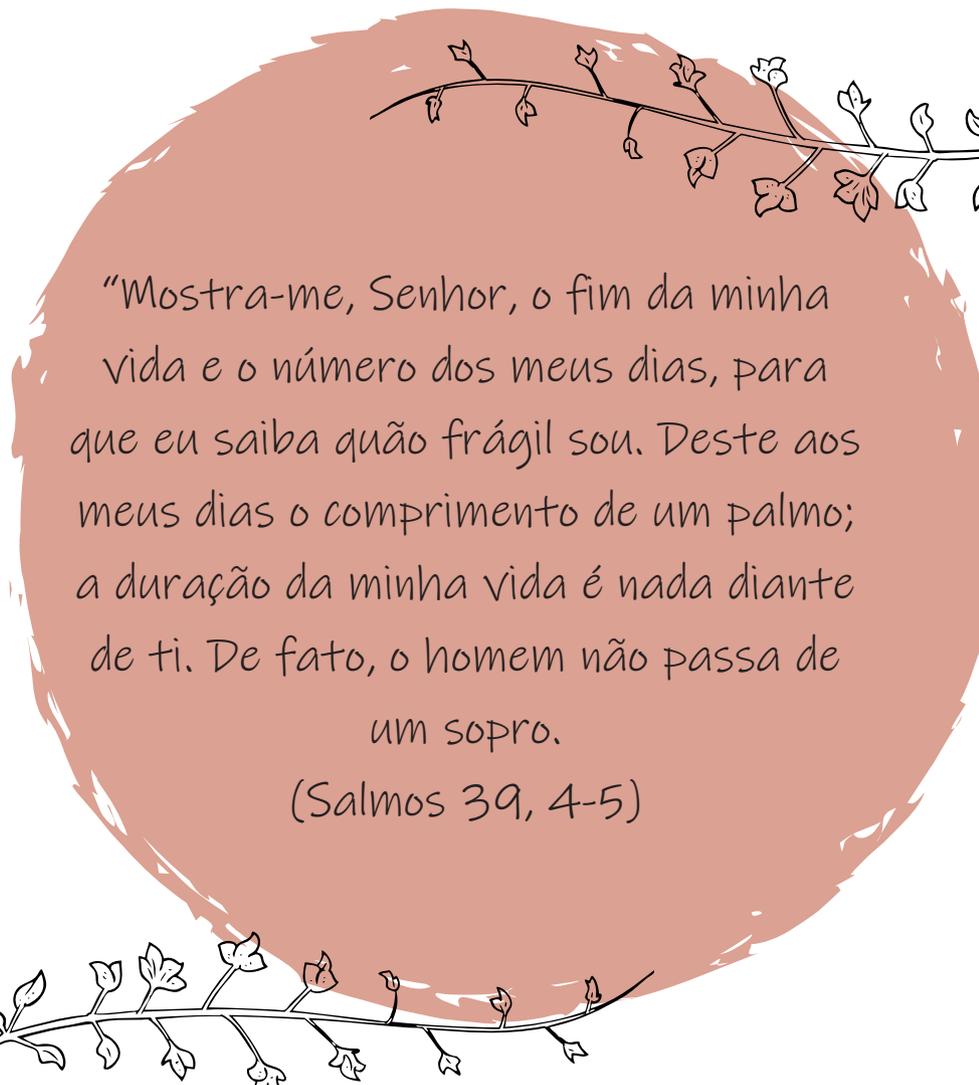
Ao meu ver, dentre tantas coisas que não voltam, a vida é uma delas. Sou amante da Bíblia e várias vezes o salmista, ou rei Davi como queiram chamar, fala que: “a vida é como um sopro.”

“Mostra-me, SENHOR, o fim da minha vida e o número dos meus dias, para que eu saiba quão frágil sou. Deste aos meus dias o comprimento de um palmo; a duração da minha vida é nada diante de ti. De fato, o homem não passa de um sopro. (Salmos 39, 4-5). “O homem é como um sopro; seus dias são como sombra passageira” (Salmos 144,4).

Acho que essa premissa é uma verdade quase absoluta. Principalmente agora, já que a vida se mostrou tão vulnerável e de forma literal a vida mostrou ser um sopro, breve, delicada e passageira. Diria que a saúde é um item valioso, o maior bem que se pode querer ter durante uma pandemia.

Voltando...

No Brasil, os casos estavam aumentando de forma gradativa até o mês de março. Neste mês, o número de casos sofreu um aumento significativo e a doença chegou ao



“Mostra-me, Senhor, o fim da minha vida e o número dos meus dias, para que eu saiba quão frágil sou. Deste aos meus dias o comprimento de um palmo; a duração da minha vida é nada diante de ti. De fato, o homem não passa de um sopro.

(Salmos 39, 4-5)

nível de transmissão comunitária- que acontece quando a transmissão já acontece estava circulando entre as pessoas dentro do território nacional.

A partir de então, o medo passou a ser mais plural já que seu próximo poderia estar com o vírus. Ninguém sabia onde e como poderia contrair o vírus, eram tantas especulações de que até o vento transmitia a doença.

Poucos dias depois, em 11 de março a OMS declarou que o mundo estava passando por uma pandemia, algo de escala global. E foi no dia seguinte, 12 de março, que aconteceu a primeira morte no Brasil, uma mulher de 57 anos, em São Paulo. Ver a situação se agravando em um curto espaço de tempo era assustador, mas não havia como esconder a situação e nem como fugir da realidade.

Já não havia mais onde se “omitir” da doença, já que era algo de proporções globais. Ou seja: Até eu, que moro no interior estou sujeita a passar por essa situação, eu não precisaria nem locomover grandes léguas para ter acesso a doença.

Biologicamente, ninguém, absolutamente ninguém estava imune, todos poderíamos ser vítima, poderíamos ser mais um número dentre tantos outros e ser também mais uma história apagada e silenciada.

Outro adendo que faço e que muito me incomodou, é que usar a palavra “mais” no sentido aditivo se tornou comum nas falas diárias das pessoas e também nos noticiários: “mais casos confirmados”, “mais tantas mor-

tes foram confirmadas hoje”, “o contágio da doença está mais avançado”, mais, mais e mais.

Eu amo as palavras porque as acho poderosas, elas dão vida. Mas nesse caso, elas falavam sobre morte, era algo doloroso, triste e eram elas que contavam toda a narrativa do momento presente. Me parecia tão simplório a linguagem televisiva usar o advérbio mais em tudo.

Não era só “mais” uma vida, “mais” uma pessoa, “mais” uma morte- eram histórias, sonhos, desejos, projetos, mudanças, tudo inacabado. Pensar nisso, é algo desesperador. Mas a realidade é que o vírus chegou e ficou bem perto e levou mais vidas do que o imaginado.

P.S.: Falo em “mais”, porque já estou vivendo essa situação há meses e mesmo assim, essa é uma verdade dura de engolir.

Em cada canto...

“Infelizmente” é uma palavra bem ruim para se começar um texto, ou qualquer outro diálogo- ao meu ver. Mas, infelizmente a realidade tem me feito usar essa palavra mais vezes do que eu gostaria.

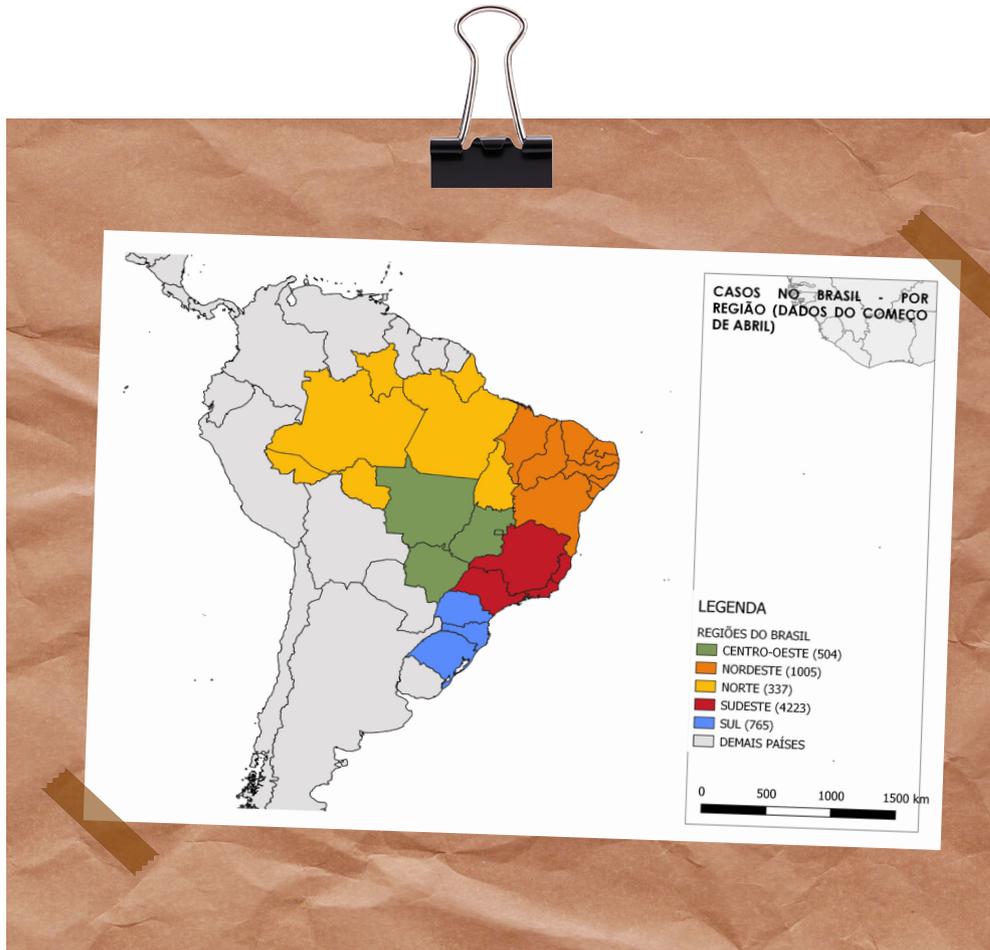
Gosto de ver gráficos, ler tabelas e encontrar informações a partir delas. Os números sempre tiveram esse potencial de transpassar seriedade, de representar algo absoluto. Porém, os números que eu vejo e escuto contém uma carga mais subjetiva, assim como é a complexidade humana.

Pensar que esses números simbolizam histórias, me geram tristeza, já que não é sobre números, é sobre vidas. Aqui quis traçar um pouco de como estão os números por Estado em nosso País, mas tenho buscado analisar que por trás de cada estatística, de cada número, há algo muito maior, há uma existência.

A verdade é que esse ceifador de vidas se espalhou rapidamente pelo Brasil. No dia 6 de março, o vírus já estava na Bahia, estado da região Nordeste, no dia 7, o Ministério da Saúde confirmava o primeiro caso do novo coronavírus no Distrito Federal, localizado no Centro-Oeste, no dia 11 de março, a Covid-19 já estava no Sul, especificamente no Rio Grande do Sul, e no Norte, o pri-

meiro caso foi notificado no dia 13 no Amazonas.

Com quase dois meses de pandemia, essa era a situação do nosso País por região:



Bem perto...

Não sei se são sintomas da pandemia, mas hoje acordei com emoções mistas, uma positividade meio entristecida. O pensamento é de que as coisas irão dar certo, porém tudo é tão incerto que o dar certo, não me parece tão convincente assim. Para dar andamento à minha série de cronológica desta pandemia, vou falar hoje sobre como ela chegou em Cascavel.

Cascavel tem um significado a mais para mim, “a cidade em que moro, em que nasci e me criei”, como diz a fala dos mais idosos da região. Como já relatei até aqui, parecia que nenhum lugar do mundo estava livre da Covid-19. Ainda no começo, no dia 10 de março, as coisas seguiam de forma normal em Cascavel, houve até uma comemoração em homenagem ao dia da mulher na cidade. Lembro como se fosse hoje, um palco, várias mulheres reunidas e dançando, vestidas de cor rosa em uma aula de zumba na praça de São Francisco.

Antes do decreto de isolamento social em todo o Ceará, a Secretaria Municipal de Saúde de Cascavel e a Célula de Vigilância Epidemiológica (COVIG) comunicaram a população sobre como estava a situação do Estado e também sobre as formas de prevenção para evitar a contaminação da Covid-19.

Sintomas



Tosse



Febre



Coriza

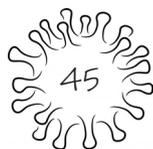


Dor de garganta



Dificuldade para respirar

Fonte: Ministério da Saúde



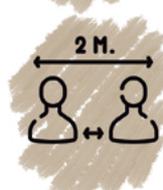
Prevenção



Lave com frequência as mãos até a altura dos punhos, com água e sabão, ou então higienize com álcool em gel 70%.



Ao tossir ou espirrar, cubra nariz e boca com lenço ou com a parte interna do cotovelo. Não tocar olhos, nariz, boca ou a máscara de proteção fácil com as mãos não higienizadas.



Mantenha distância mínima de 1 (um) metro entre pessoas em lugares públicos e de convívio social. Evite abraços, beijos e apertos de mãos. Adote um comportamento amigável sem contato físico.

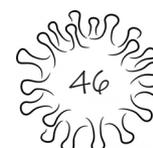


Higienize com frequência o celular, brinquedos das crianças e outro objetos que são utilizados com frequência.



Não compartilhe objetos de uso pessoal como talheres, toalhas, pratos e copos.

Fonte: Ministério da Saúde



No dia 17 de março, a prefeitura da cidade lançou uma nota por meio das redes sociais dizendo que as “aulas das escolas da rede pública de Cascavel estavam suspensas momentaneamente por 15 dias”. Essa foi uma das primeiras medidas efetivas que o município tomou para garantir a segurança dos cascavelenses diante do novo coronavírus.

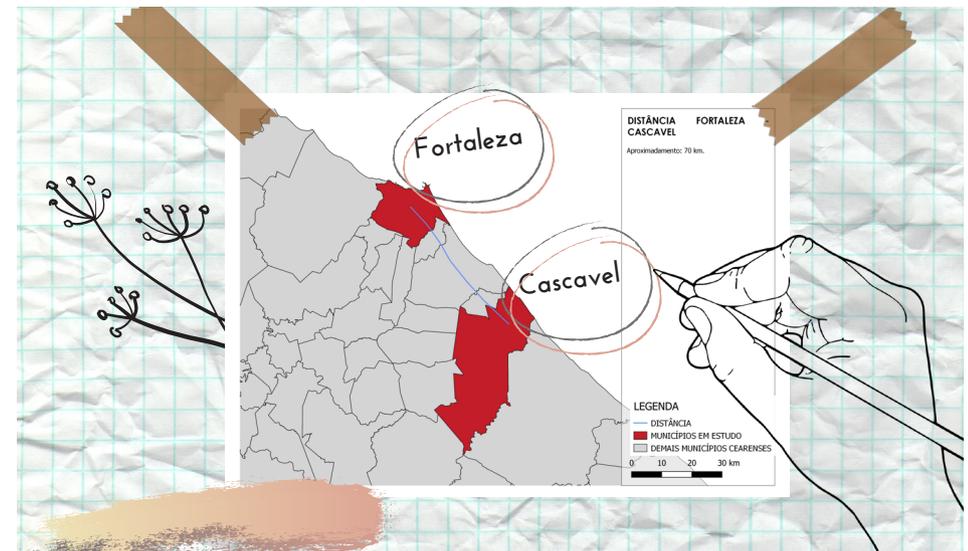
No dia 18, a prefeitura também divulgou em seu perfil no Instagram que até o momento não havia nenhum caso confirmado ou em investigação na cidade; porém mesmo assim foi decretada “situação de emergência em saúde pública” no município.

Antes mesmo do decreto estadual, o município já havia suspenso uma série de atividades por 15 dias: atividades coletivas em equipamentos públicos, shows, festas, atividades educacionais presenciais, atividades de academias e similares, atividades da feira livre de São Bento, entre outros.

Ressalto que até o momento não havia nenhum caso confirmado ou suspeito na cidade. No entanto, nas entrelinhas as medidas estavam sendo tomadas. Nesse período, eu ainda estava indo para Fortaleza e voltando para Cascavel, todos os dias da semana. Confesso que naquele tempo tive o receio de ser a primeira suspeita da cidade.

Eu sei que, assim como eu, muitos outros cascavelenses vão e voltam para Fortaleza todos os dias, percorrendo quase 70 quilômetros indo e retornando. Por isso, tive o medo de carregar o vírus- vai que ele me escolhesse

para trazer a doença pra cá. Tenho insegurança não só por mim, há o medo de contaminar minha família, contaminar outras pessoas dentro dos ônibus... sei lá quantas possibilidades se passam em minha mente neste período. Qualquer tosse ou dor se torna um motivo de alerta para mim, tenho receios de emocionalmente ter algum sintoma em decorrência do medo que eu estava sentindo e não por conta do vírus em si.



Recordo que em um desses momentos no ônibus, enquanto eu estava nessas idas e vindas de Cascavel-Fortaleza e Fortaleza-Cascavel, ouvi uma futura enfermeira dizer que “não tinha medo da covid-19” e que tudo isso não passava de “uma doença de marketing”.

Confesso que o termo “doença de marketing” foi inusitado para mim e porque não dizer engraçado, ver a

forma como ela pensava, a junção das palavras me fez refletir. Pensar que o covid-19 era uma doença de propaganda, da moda ou uma febre do momento, parecia ser sim algo fácil de se imaginar. Porém, diante de toda a realidade que a gente estava acompanhando pelos noticiários, pelo cotidiano, era impossível alegar que isso era só uma “doença de marketing”.

Ah, se ela pudesse se lembrar dessas palavras que ela mesma falou... agora, depois de meses, queria ouvir as ponderações dela sobre essa “doença de marketing”, se o marketing realmente foi eficaz e se ela conseguia identificar os impactos e alcance desse marketing.

Eu espero que em algum momento esse plano de marketing da Covid-19 seja menos eficiente, ele já alcançou multidões e surtiu efeitos indescritíveis em muitas partes do mundo.

Dia 07

Ainda mais intenso...

Ainda em março, as medidas contra o coronavírus se tornaram mais intensas. O dia 19 de março, pode ser considerado um dia marcante neste ano, pois a partir dele, houveram mudanças no Ceará. Já que esta foi a data que marcou o decreto de isolamento social em todo o Estado. A medida foi outorgada pelo Governo do Estado.

Irei fazer outra interligação com essa data, mas um outro fato interessante do dia 19 de março, é que ele simboliza o dia do padroeiro do Estado, São José. Aqui em Cascavel, há uma capela em homenagem ao santo, que fica bem próxima a minha casa e todos os anos acontecem festejos em homenagem ao padroeiro.



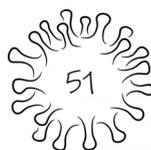
São realizados 10 dias de festejos, que culminam no dia 19 de março. Normalmente é um evento marcado no calendário da cidade. A capela não é tão grande e recorde que o evento acontece fora do templo, na praça, que é onde abrangia mais pessoas.

Neste ano, os festejos ainda aconteceram, mesmo sendo muito arriscado. Na verdade, até esse tempo nada era tão suspeito assim, pelo menos pra realidade dos casca-velenses não.

Voltando à pandemia...

Ainda no dia 19, a prefeitura de Cascavel lançou nas redes sociais o primeiro boletim informativo sobre a situação do município, até às 16h30, havia “0 casos confirmados, 0 descartados e 2 suspeitos”. Esse era o diagnóstico. Tendo em vista os possíveis casos, no dia 20, o prefeito da cidade, Thiago Ribeiro, intensificou ainda mais as restrições, cancelando por 10 dias as atividades em bares, restaurantes, atividades religiosas, lojas, centros comerciais, frequência às barracas de praias e serviços de transporte rodoviário intermunicipal.

Recordo de sentir e pensar como se o mundo estivesse acabando nesse período, já que não podíamos fazer “nada”, apenas ficar em casa e torcer para o pior não acontecer, torcer para não ser contaminado ou para que pessoas próximas não contráissem o vírus. Era torcer pela



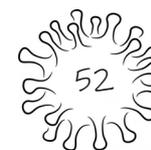
vida também, já que o vírus se manifesta com intensidades diferentes em cada organismo, para uns ele poderia ser só mais uma doença, em outros poderia ser o vilão que acaba com toda a história de uma vida.

Para mim, que tenho uma vida muito agitada foi estranho ver que todo aquele fluxo estava pausado e interrompido. “E agora, como vou me formar?”, “como vou fazer meu TCC?”, “será que as coisas irão continuar?”, “o que eu vou fazer?”, foram só alguns dos muitos questionamentos que eu me fiz e refiz.

O que mais me intrigava e me deixava angustiada era a ausência de concretude, era uma doença que eu poderia contrair de diversas formas, que jamais teria como eu saber se a pessoa ao meu lado estava com ela ou não. Ou seja, foi quase um surto neurótico que se passou em mim. Era torcer e orar para que nada viesse a acontecer. Mas o medo era uma sentença muito certa em meu coração.

No dia 20 de março, houve um aumento de mais 3 casos suspeitos, elevando o número para 5. Confesso que eu sempre aguardava o momento em que a prefeitura iria soltar um novo boletim no Instagram, que por motivos de ser ano eleitoral foi excluído. Mas antes de ser deletado, ver a imagem no Instagram era como assistir uma cena de um filme de terror ou de ação, sempre havia aquele estado de tensão e paralisia antes do susto vir. Neste caso, o susto era ver os números.

No dia 21, ainda não havia casos confirmados, po-



rém já eram 10 suspeitos. Os dias se passaram e a vida também seguia, incerta, mas seguia. No final do mês, dia 30, não havia nenhum caso confirmado, apenas 4 descartados e 23 em investigação, ainda sim, tudo suspeito.

Essa doença é tão intrigante, que mesmo sem nenhum caso confirmado, nos primeiros dias de abril, já havia 1 óbito em investigação no município pela Covid-19. A demora pelos resultados ocorreu devido ao grande número de testes que estavam sendo feitos no período e com isso, não haviam respostas sobre os números de casos.

Nesse meio tempo, o município já havia prorrogado até o dia 20 de abril as mesmas medidas exigidas pelo decreto municipal. E foi apenas no dia 7 de abril que os cascavelenses viram um dos números virando, o placar havia mudado. Em sete de abril, foi registrado o primeiro caso confirmado na cidade, 24 em investigação, 13 descartados e 1 óbito suspeito. Nesse período, ainda não estavam sendo realizados os testes rápidos.

E foi assim o “começo” da pandemia em Cascavel-CE. Aqui utilizo as aspas, porque nem todas as estatísticas são capazes de prever o invisível.





O dia em que tudo parou...

Hoje está bem quente e ensolarado, diferente das manhãs que ultimamente têm sido mais frias. Conforme o tempo passa, acho que estar em casa está se tornando normal e comum, passei a não estranhar mais o fato de não poder sair de casa. Só não é tão normal ainda a saudade que sinto das pessoas que via ao longo da semana, com quem conversava no ônibus, que costumeiramente saudava com um bom dia, boa tarde, boa noite, com um sorriso, abraço ou aperto de mão.

Para o desabafo de hoje, resolvi comentar sobre o dia em que tudo parou; até cheguei a falar sobre isso ontem, mas acho que rende um espaço só dele. No dia 19 de março de 2020, uma quinta-feira, era também um feriado, o então governador do Estado, Camilo Santana, outorgou o decreto de isolamento social. O decreto consistia em que as pessoas deveriam ficar em casa para evitar aglomerações e os trabalhadores que pudessem estar de home office, deveriam optar por esse modelo de trabalho. Apenas as atividades essenciais iriam funcionar normalmente.

As atividades essenciais eram aquelas que estavam vinculadas às necessidades de primeiro grau, como farmácias, supermercados, indústrias de alimentos, enquanto os

demais serviços precisavam parar. Cinemas, shows, eventos, restaurantes, shoppings, lojas em geral, tudo parou. Parecem coisas banais, mas realmente fazem parte do nosso cotidiano.



CORONAVÍRUS (COVID-19)

Governo do Ceará determina novas medidas de enfrentamento ao coronavírus

19 DE MARÇO DE 2020 - 23:50 | #Contaminação #Covid-19 #Decreto #Isolamento Social #Prevenção

Daniel Herculano Texto

CEARÁ 56.com

Governo do Ceará determina fechar estabelecimentos comerciais e interrompe transporte intermunicipais

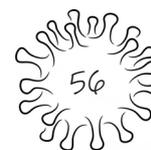
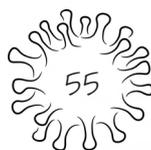
Os serviços de metrô também ficam suspensos em Fortaleza e no interior do estado.

Por Aline Conde, Mariana Lazari e Paulo Martins, G1 CE
19/03/2020 18h13 - Atualizado há 6 meses

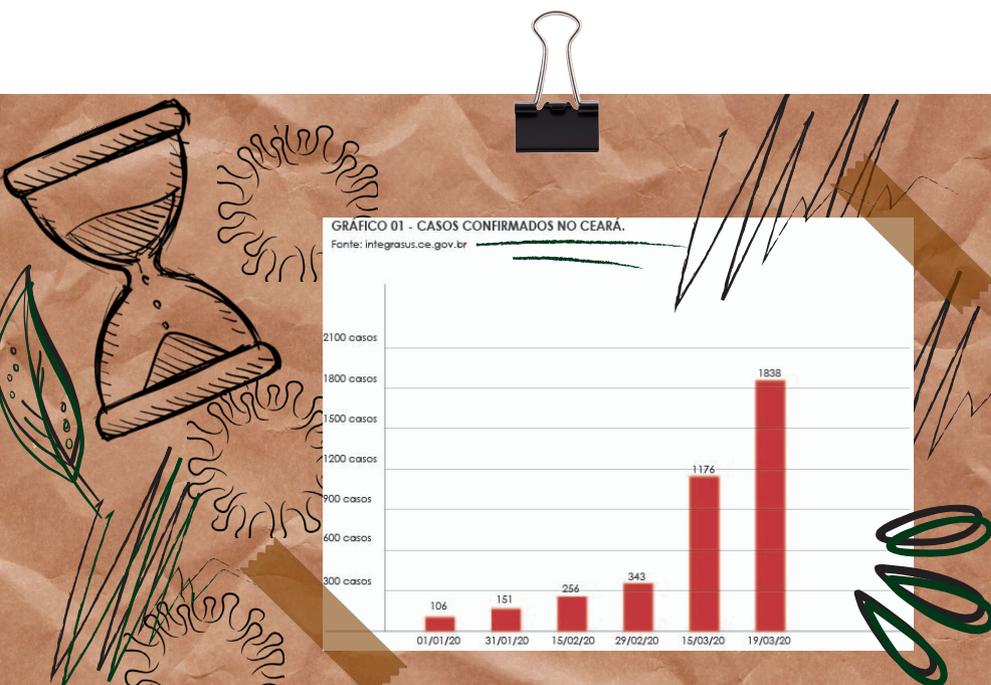


Essa medida não foi uma invenção nova do Ceará, ela já vinha sendo adotada em diversos países, como foi o caso do próprio epicentro do vírus na China, em Wuhan. Consigo lembrar que antes desse decreto, já havia suspeitas de que talvez a gente fosse viver algo assim.

Mas sempre havia aquela expectativa positiva de que tudo daria certo, de que com precaução e cautela a doença poderia ser evitada. Lembro de ouvir muitos ruídos desse assunto no estágio- havia bastante incertezas de como seriam as coisas, porém a gente não acreditava que tudo iria tão longe.



Infelizmente, aqui no Ceará, tudo foi bem rápido. No dia 16 de março, a pandemia já foi classificada como algo de “emergência pública”, tendo em vista o aumento do número de casos. Do começo de janeiro até o dia 19 de março de 2020, havia 1.838 casos confirmados, segundo os dados do IntegraSus. A curva de contaminação estava do seguinte modo:



Um aspecto que vale ressaltar é que as bases de dados sobre a pandemia são bastante confusas. Os números da plataforma Covid Brasil, que monitora a situação do país em relação aos casos de covid-19, não são equivalen-

tes ao do IntegraSus que monitora os números da doença no Ceará. Entendo que o IntegraSus monitora apenas o Ceará, mas os números do Brasil trazem dados sobre todas as regiões, estados e municípios do país. A verdade é que os números diferem.

Voltando...

O anúncio de que “tudo” iria parar foi feito através de uma live pelas redes sociais. Outro fato, importante dessa pandemia foram o uso das ferramentas digitais. Os meios virtuais se tornaram a forma mais eficaz de “reunir” as pessoas, resolver problemas e até mesmo trabalhar. É estranho pensar que até a questão da proximidade mudou.

A vida é realmente bem contraditória. Lembro que em 2019, as pessoas reclamavam muito pelo fato de se gastar tanto tempo em redes sociais e que em encontros, a presença física era desvalorizada ante a presença virtual, já que ninguém largava o celular pra nada, nem na hora das refeições. Em 2020, o jogo virou, estar online, presente nas redes é a “única” forma possível de estar presente e o vilão passou a ser o herói da trama. São tempos confusos.

Inicialmente, o decreto de isolamento social iria durar apenas 10 dias; desde então já se passaram meses. E aqui estamos- isolados.



Pura sorte

De tanto ficar em casa sem poder fazer planos para o amanhã, já que não há pra onde ir, refleti sobre o que já se foi, sobre os dias que se passaram. Eu não acredito em algumas coisas, como astrologia e toda essa questão de signos. Mas aqui em casa houve uma imensa coincidência e um fato de pura sorte. Pura sorte mesmo.

Minha mãe faz aniversário em março, precisamente no dia 10. Ela sempre falava que quando fizesse 40 anos queria uma comemoração. 2020 era esse ano. Foi exatamente neste ano que minha mãe completou seus quarenta anos- até hoje ela brinca “quarentei na quarentena”; coincidência ou não isso realmente aconteceu.

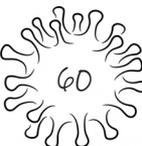
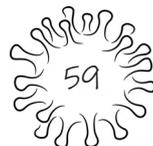
Lembro que ainda em fevereiro comecei a organizar uma pequena surpresa para ela. Eu jamais imaginaria que isso tudo viria a acontecer e foi por pura sorte que tudo deu certo. Não falo pelos preparativos, mas pela sorte de ter acontecido poucos dias antes do decreto de isolamento social que o governo do Estado emitiu.

O aniversário era dia 10 de março, mas a pequena comemoração só aconteceria no final de semana, dia 14. Tudo foi como o esperado: consegui tirar minha mãe de casa pela tarde e organizei tudo com a ajuda de algumas

peças. Por volta das 19 horas, ela chegou e lá estavam alguns amigos e quase todo mundo da família para comemorar os 40 anos dela.



Minha tia esses dias falou “ainda bem que você não desistiu do aniversário da sua mãe, foi a última vez que todo mundo se reuniu”. Isso me deixou bem feliz e impactada, pois em nossa família reunir a todos é algo rotineiro. Decidi registrar isso aqui, pois foi por pura sorte ou coincidência do destino, que consegui reunir toda minha família, abraçá-los e vê-los presencialmente, antes que isso não fosse mais possível por um tempo. Já se passaram alguns meses e até hoje, ainda não pude estar com todos. Sinto falta, mas é por um bem maior. Acho que aqui cabe esse espaço de lembranças, aquilo que é bom de lembrar, também é bom de escrever e isso me aquece o coração em dias difíceis.





Um pouco mais daqui

Desde o começo deixei claro que esses relatos são sobre esse período caótico, ou melhor esse ano atípico. Este espaço contém informações reais e não se tratam apenas dos relatos de uma garota de 22 anos que tem passado todo o seu tempo em casa.

Acredito que registrar tudo aqui é uma forma de marcar esse momento histórico em minha vida. Gosto muito de guardar memórias e depois de um tempo lembrar tudo que eu já vivi e passei. E é isso que estou fazendo, é bom parar em algum momento e ver todas as coisas pelas quais você já passou na vida. Como sentar na sala de casa em um sábado à tarde e rever os álbuns de fotografia da família. Por isso, deixo aqui mais um fragmento das minhas lembranças.

Ainda sigo muito nostálgica. Por isso, hoje resolvi contar um pouco sobre a história da minha cidade, Cascavel. É estranho pois no imaginário das pessoas, Cascavel é só uma cidade de sol e praia- mas vai muito além disso. Confesso que como moradora, é estranho ver a cidade que não é tão movimentada, estar ainda mais pacata, principalmente no final de semana.

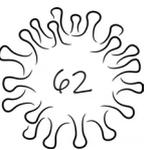
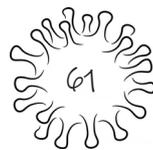
Ontem, sábado, fui de carro em uma farmácia com

meu pai, ver a avenida principal inerte foi diferente, não parecia um sábado de fato.

Mas, isso é só uma parte do cotidiano atual da cidade. Quero ir um pouco mais longe, falar sobre algo de que eu gosto muito: o princípio de tudo. De acordo com o livro que salvaguarda a memória da cidade intitulado “*Cascavel, 300 anos*”, de Evânio Bessa Reis- dono de uma grande escola no município. Cascavel passou a existir em fevereiro de 1694, em uma sesmaria

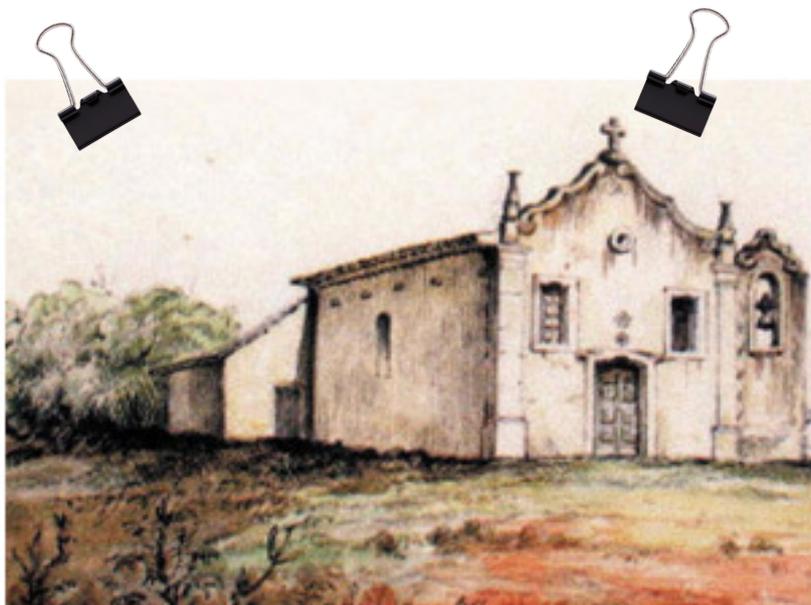
“Como topônimo, Cascavel surge, pela primeira vez no Ceará, na sesmaria de Domingos Paes Botão e seu cunhado, João da Fonseca Ferreira, concedida em 25 de fevereiro de 1694, pelo capitão-mor Fernão Carrilho”.

O surgimento da cidade é simples, o livro narra que a formação urbana se deu pelos agricultores, mercadores, missionários, sertanejos, comerciantes, caixeiros-viajantes, comboieiros, aventureiros, mestiços, negros e pessoas de várias origens. Vale ressaltar que a população indígena que abrigava as terras de Cascavel eram os Tarairiú, do qual



faziam parte os Canindés, Paiacus, Jenipapos, Jenipabuços, Arairús, Anacés, Caratiús e Jaguaribaras.

A história conta que a cidade se desenvolveu no entorno da igreja de Nossa Senhora do Ó, que havia sido construída em 1710. “Ao sabor do lento crescimento urbano, visto que muitos apenas pernoitavam no Sítio Cascavel para descansar ou para orar na capela de Nossa Senhora do Ó, seguindo viagem ao amanhecer do dia”.



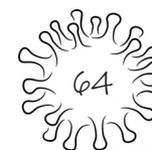
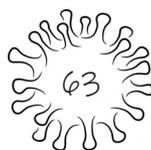
Essa por exemplo, é uma antiga foto da igreja de Nossa Senhora do Ó, que encontrei na internet .

A imagem foi pintada por José Reis Carvalho. É interessante perceber esses aspectos do passado e pensar no presente. Hoje a igreja já não existe mais, no local há apenas uma torre em homenagem a santa de Nossa Senhora do Ó.

Mas essa região de Cascavel é bem desenvolvida, é quase o berço da cidade, uma parte mais nobre também, pois se aproxima muito do Centro. Além disso, foi nessa região, próximo a Igreja da Matriz que antigamente era o centro comercial de Cascavel. O aspecto dessa região da cidade se mantém até hoje, pois ainda há vestígios do passado, pela arquitetura dos prédios antigos e por ali há muitos postos comerciais.

Bem, dando continuidade à história: as pessoas mais antigas sempre me contaram a mesma coisa que o livro narra, Cascavel não passava de um entreposto comercial entre Fortaleza, Aquiraz e Aracati. Era como um local onde as pessoas apenas vinham abastecer suas mercadorias e descansavam, não era um local fixo para permanecer, ficar e fazer morada, era só uma passagem.

O livro também conta que as pessoas que vinham morar aqui, eram atraídas pelo solo fértil para algumas culturas como a mandioca. “Com solo próprio para o plantio de mandioca e maniçoba para a produção de farinha e ração animal, e com rios cruzando suas terras, cascavel muito se prestou à agricultura e pecuária tornando-se, rapidamente, um centro de produção”, leio em *Cascavel, 300 anos*.



O crescimento da cidade também se deu pelas secas, já que os retirantes migravam do “sertão para o litoral” buscando um local que sofresse menos com os efeitos da estiagem. Cascavel é uma região praiana, que ainda é banhada pelos rios Choró e Malcozinhado.



Mas agora vem a menor parte pra mim, que é o motivo do nome “Cascavel”. Essa história é baseada em uma lenda. Cresci ouvindo duas histórias. A primeira era de que Cascavel tinha muitas cobras cascavéis e por isso o nome. Mas essa história não para por aí: dizem que, toda vez que alguém pronuncia a palavra “cascavel”, a cobra cresce um metro e para desfazer o feito, era preciso dizer “São Bento”, que é o santo protetor das picadas de cobra.

Dizem que essas cascavéis estão embaixo da torre de Nossa Senhora do Ó até hoje e que se alguém retirar a santa do lugar, ou derrubar a torre, as cascavéis que mo-

ram ali irão destruir toda a cidade. Essa é uma história.

A outra história que também é uma lenda, narra que o termo “Cascavel” teria surgido por conta dos viajantes que paravam na cidade. Para descansar, eles ficavam debaixo de pés de cajueiros e que lá teriam sido encontradas algumas cobras cascavéis, por isso o nome “passagem da cascavel”, intitulado o nome da cidade.

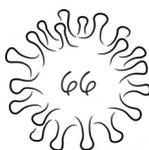
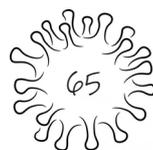
“Sendo o nome de uma cobra venenosa, era, por alguns, aceito a contragosto. Daí as tentativas de substituição: primeiro quiseram mudá-lo para São Bento, protetor contra as picadas do perigoso ofídico; não vingou e, a não ser popularmente, jamais teve esta denominação”, segundo o que está escrito no livro *Cascavel, 300 anos*.

Isso é um pouquinho de alguns detalhes sobre a origem de Cascavel. Ainda tenho muito o que falar, sobre as praias, a feira e a agitação das noites.

Foto do arquivo do IBGE



(Vista aérea de Cascavel-CE antigamente)



1/4

Mais de um quarto dos dias que pretendo escrever já se foram. Dez dias escrevendo já se foram. Dez dias relatando vários outros dias que não cabem em 10 dias. Aqui neste relato são 11 dias, mas na verdade já se foram meses e inúmeros dias nessa composição cronológica. Confesso que a percepção temporal também mudou, já que os dias parecem estar encolhendo, passando mais rápido, não sei como descrever.

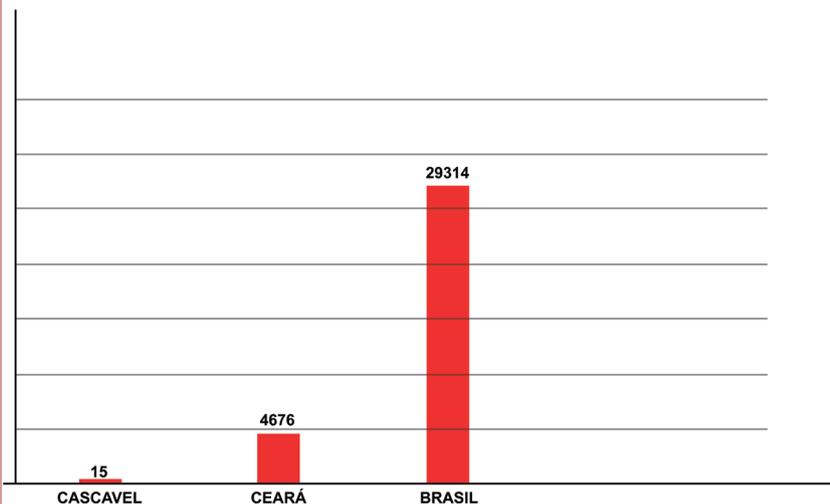
O tempo, assim como a vida tem passado, se esvaído numa velocidade muito veloz. Não sei se o universo entende que estamos em um momento caótico, mas parece que, quando finalmente entramos em um período de reclusão, o próprio tempo se encarregou de passar mais rápido. A sensação é de estar em um eterno *looping* de ações e com a mesma reclamação de anos “não tenho tempo”, mesmo que agora a gente tenha tempo, ou parece ter.

A verdade é que independentemente da velocidade com que os minutos e segundos passem, a morte ainda continua sendo uma sentença cruel que nos assola todos os dias, com números que se elevam de forma tão veloz quanto o tempo. As sensações, os sintomas são múltiplos e vão bem mais além do que tosse, febre e coriza. O mal dos sentimentos são mais cruéis.



GRÁFICO 02 - NÚMERO DE ÓBITOS (FINAL DE MAIO).

Fonte: covid.saude.gov.br



Não dá para quantificar os sonhos, os projetos, as ideias que se foram com esse tanto de pessoas, vidas - e porque não dizer histórias que se foram. O peito chega a encolher ao imaginar a dor de ver alguém presente se tornar apenas lembrança.

Quem sabe nesses números se foi o próximo revolucionário do País, o próximo irmão, o próximo pai, o próximo amigo, o próximo artista, médico, escritor, cantor, professor... Sabe-se lá quantas possibilidades, só acredito que enquanto há vida, se têm possibilidades e chances.

Foi numa manhã ensolarada, em mais um dia comum, que estávamos em casa quando ouvimos vozes agoniadas e desesperadas na rua. “Eu vou ter que ir logo, não dá pra esperar”, “vai ser rápido”, “ele vai na frente conti-

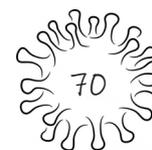
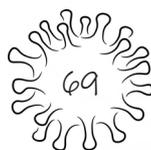
go”, são algumas frases que eu lembro de ter escutado.

Em menos de cinco minutos, o telefone da minha mãe tocou. Minha tia, também minha vizinha, disse para mãe que dona Maria Coco havia falecido e que a Covid-19 havia sido a maior suspeita de ela ter ido morar no céu. O atestado de óbito não comprova, mas os sintomas sim, como disse, essa doença ainda é estranha.

No primeiro momento, desacreditar foi a única coisa que me passou por dentro. Mas tudo aquilo era real e estava acontecendo. Desde que me entendo por gente, a dona Maria Coco era minha vizinha da frente. Aquilo tudo me era estranho, pois uma semana antes de seu óbito, eu estava ouvindo sua voz cantarolar os hinos da harpa cristã.

Antes daquele fato, eu estava feliz, tinha tentado fazer um café da manhã diferente e falado sobre as novidades para o meu namorado pelo WhatsApp, era uma manhã normal na quarentena. Quer dizer, era, apenas era, e o verbo se enquadrou no passado mais veloz que eu já vi, até às 7h25 da manhã, mais precisamente.

Após a confirmação de seu falecimento, me veio a inércia e a descrença de que aquilo não era verdade. Não era possível, não tinha como, ela não saía de casa... Mas, após algumas horas, veio a certeza de que o vírus estava tão mais perto do que eu imaginava e uma vida que eu tanto tinha apreço tinha sido uma possível vítima disso tudo. Era angustiante e irracionalmente perturbador não sentir segurança nem mesmo estando em casa, era um pouco egoísta



também pensar em mim e nos meus diante de tudo, me senti egoísta por ter medo.

Dona Maria já vivia a maior parte do seu tempo em casa há muitos anos. A Covid-19 não foi a única doença que assolou brutalmente sua vida: ela já se via refém da diabetes e da cegueira havia um bom tempo. Além disso, tinha seu pé amputado por conta de um acidente doméstico e já não andava mais.

Ela era a vizinha mais velha que eu tinha. Me soa estranho usar o verbo era, assim no passado, me lembra a algo que não existe mais e pra mim, ela ainda existe. O lugar mais acolhedor da casa de Dona Maria não era do lado de dentro, mas sim de fora, na calçada. Acredito que quem a conhece tenha alguma lembrança de parar alguns minutinhos e tirar “um dedo de prosa” com ela.

Aquela calçada foi o palco e o ouvido de diversas histórias. Recordo de quando era criança e sua calçada era o espaço mais acolhedor durante o final da tarde enquanto eu esperava minha mãe chegar do trabalho. Todos os dias, de domingo a domingo, ela estava ali, sentada e com uma trancinha segurando seus poucos fios de cabelo. Seu olhar era sempre distante, calmo, sereno, paciente e feliz. Algumas vezes tive a sorte de ser uma das pessoas que arrumaram o cabelo de Dona Maria, lembro dela pedir “minha filha, faça aqui uma trancinha e mim, por favor”.

Naquele pequeno espaço, a disposição do cenário era sempre a mesma: uma cadeira de balanço no meio- que

era ocupada por ela, a anfitriã do lar e, mais duas cadeiras de plástico, uma de cada lado. Por diversas vezes, estive em uma dessas cadeiras, seja para conversar, seja apenas para ouvir e até mesmo aprender.



Era mais ou menos assim que eu imaginava a calçada, mas essa era a configuração espacial, só que sem o fundo do teatro. Esses dias conversei com uma de suas netas, Monalisa, minha vizinha também. “Mona”, como a costumo chamar, é super -simpática e bem receptiva, como a sua vó. Ela me contou histórias que eu ainda não tinha conhecido- infelizmente não deu tempo de conviver mais e conhecer Dona Maria.

É estranho que mesmo sendo minha vizinha, meu contato com Monalisa sempre foi restrito. Mesmo moran-

do a poucos metros de distância, esse diálogo veio pelo whatsapp, até entendo pela questão da precaução em relação à doença. Mas, acho que também não conseguiria conversar sobre este assunto com ela pessoalmente.

Assim como a avó, Monalisa guarda uma fé linda e inabalável no coração, ela tem a convicção de que sua avó está bem, que cumpriu sua missão na terra e deixou um bom legado para a família.



“Foi tudo tão rápido, foi angustiante por não poder visitar no hospital, por causa do isolamento, nós fomos consolados pelas promessas do nosso Salvador Jesus Cristo e do cuidado d’Ele sobre nós. O que me conforta é que agora a avó tem vida, vida em abundância. Ela era uma senhora muito licida, com sua personalidade forte. Ela não parava, ninguém segurava ela, já vendeu verduras e frutas em um carro de mão, já revendeu revistas e foi professora também, ela sempre conta histórias da palmatória (risas). Minhas maiores lem-



branças são dela sempre louvando o Senhor e assim tudo ia bem. Quando eu era criança ela me colocava pra dormir cantando o hino da harpa 84, 467, que eu amo. Ah, o 193, não posso esquecer também (risas novamente). Mas não importavam as circunstâncias ela sempre estava louvando, grata a Jesus Cristo e não havia obstáculos. Os maiores legados que eu vou levar dela são a honestidade e a generosidade, uma mulher trabalhadora e uma mulher de Deus”.

E foi assim que Monalisa me contou um pouco mais sobre Dona Maria Coco, uma mulher encantadora e de boas histórias. Dentre as lembranças que guardo, está a história que ela contava sobre como era a rua em que morávamos. “Era muito deserta, minha filha, esse calçamento era só uma estrada de areia pra quem vinha do Choró pra rua...As casas eram muito distantes, um aqui,e a outra só lá na frente”.

Eu amava escutá-la e imaginar como eram as coi-

sas. Além disso, por ter sido professora durante sua juventude, ela tinha uma dicção muito correta e uma formulação de frases impecáveis, sempre muito coerentes, era muito bom de se ouvir. Além da oratória, dona Maria cantarolava muito os hinos da harpa cristã- perdi as contas de quantas vezes saí de casa, ou acordei ouvindo-a cantar. Sinto falta de ouvir sua voz, seu canto, seus conselhos.

Quando cresci, ganhei uma rotina que não me permitia mais sentar na calçada pela tarde, mas vez ou outra era sempre bom chegar em casa e ver que ela estava ali e para nem que fosse para dizer um “boa tarde, a senhora está bem?”. Quando chegava de Fortaleza, era tranquilizante ver que ela estava ali, mesmo sem ver, enxergando tudo que acontecia e atenta aos detalhes.

Com a pandemia, as coisas ficaram estranhas e a calçada ficou sem vida, era como se o jardim já estivesse sem flor. Não dá para compreender como Dona Maria foi abraçada ou não, por esse vírus tão cruel, já que em nenhum dos dias ela saiu de casa e nem colocou os “pés pra fora”. Lembro que na segunda-feira daquela semana, ela havia sido internada em um hospital de uma cidade próxima de Cascavel, mas seguia se recuperando, ainda não se sabia qual a doença, mas havia a suspeita de que fosse Covid-19, os sintomas eram os mesmos.

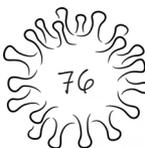
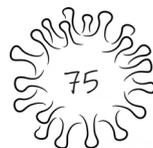
Vi Dona Maria ir para o hospital algumas vezes, como foi quando ela amputou o pé, ela ia, mas sempre voltava e logo estava em seu palco- a calçada. Porém, dessa

vez foi diferente, ela não voltou para sua casa, nem para o seu palco. Dona Maria foi cantar em um outro cenário e deixou uma lacuna no espetáculo daqui. Hoje, sua calçada que antes era espaço de afeto, se tornou apenas mais um lugar de concreto.

Mesmo assim, consigo fechar os olhos e relembrar todas as cenas que já presenciei, desde a minha infância ao lado dela- enquanto esperava a minha mãe, enquanto eu só queria ir para um lugar fresco e sentir o vento ou quando só queria ver o tempo passar.

Nas memórias, é possível ainda sentir sua presença ao ver a calçada, consigo reprisar todas essas cenas, na simples rua do bairro Alto Luminoso. Hoje, acredito que Dona Maria Coco, aquela doce senhora de olhos claros, deve estar sendo protagonista em alguma calçada lá do céu.

Data do óbito: 22/05/2020





Dia 12

Sobrevivendo a uma nova etapa

Acordar e ir na varanda de casa tem me feito bem; por aqui consigo ouvir o canto dos pássaros, a brisa leve do vento matinal e, o mais lindo, dá pra ver os raios tímidos do sol. Parece que assim como eu ele está se espreguiçando, se esticando, para pouco tempo depois utilizar sua capacidade máxima. Essa sensação da manhã é sempre única. Essa foi a de hoje.

Encontrar novas fontes de energia e esperança tem me feito atravessar a quarentena de uma forma mais tranquila. Viver esse “novo normal” é um tanto quanto desafiador, já que você acaba tendo de fazer inúmeros malabarismos para segurar tudo ao mesmo tempo, sem ter a plena certeza de que uma das partes não vai cair ao chão. Apesar de estar desabafando aqui e contanto sobre meus dias e minhas memórias, queria sair do meu mundo mental e espacial, mas sem sair de casa, claro.

Estava refletindo e ao meu ver, a pandemia fala muito mais sobre uma grande somatória de vários “eus” (pessoas), ou nós no caso da primeira pessoa do plural, que reunidas estão no mesmo barco (pandemia) e navegam na esperança de achar uma vacina, que poderia ser o x do tesouro. Mas, também tem aquelas que estão só sendo

tripulantes que esperam chegar em algum lugar, nesse caso são as pessoas que estão apenas aguardando dias melhores.

A partir de hoje, quero ouvir os dilemas das pessoas e como elas têm vivenciado este momento, histórico, único, catastrófico e desafiador. Não faz sentido passar por isso tudo sozinha. Afinal, eu não estou passando por tudo isso sozinha, até mesmo os mais irresponsáveis que não levam a quarentena a sério, está no mesmo barco que eu.

Acredito que ouvir os outros pode amenizar as tensões que permeiam dentro de mim, o medo, a angústia. Ter contato com o outro me dá a ideia de que eu sou mais humana. Acredito que reconhecendo a vulnerabilidade do outro, ou suas fortalezas, possa me compreender melhor, mesmo que dentro de mim habite a minha própria individualidade. Hoje me sinto tão cansada mentalmente que largaria tudo para sentir a brisa do vento e ver o sol se pôr entre as ondas do mar, mesmo que ainda seja de manhã cedo.

Por essas, eu acredito que ouvir o outro e sair um pouco, dos próprios problemas pode ser uma das formas de também atravessar tudo isso, de viver essa pandemia sem tantas reclamações. O mundo é tão amplo e se cada ser humano está em constante mudança, há sempre um pouco para se aprender consigo, mas também com o outro. Quero embarcar nessa nova aventura.

